

*Os atributos da autoridade eclesiástica no 'De viris illustribus' de Ildefonso de Toledo**

LEILA RODRIGUES DA SILVA
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Durante os séculos VI e VII, um volume considerável de escritos foi produzido por eclesiásticos no reino visigodo, vinculados ao processo de reorganização e fortalecimento da Igreja local. Deste conjunto, interessa no presente artigo abordar a obra *De Viris Illustribus*, de Ildefonso de Toledo, escrita na segunda metade do século VII. Neste documento, mantendo a tradição iniciada no âmbito cristão por Jerônimo, figuras eminentes da Igreja são biografadas. Considerando que Ildefonso propôs em seu texto um perfil de autoridade religiosa, importa aqui verificar os aspectos da liderança eclesiástica que o autor realça, ao enfocar treze personalidades.

Palavras-chave: Ildefonso de Toledo; Autoridade eclesiástica; *De Viris Illustribus*.

Abstract: During the sixth and seventh centuries, in the visigothic kingdom, episcopal elite wrote a significant volume of texts, linked to the process of reorganizing and strengthening the local Church. This article will focus one of them, the work *De viris Illustribus*, of Ildefonso of Toledo, written in the second half of the seventh century. In this document, maintaining the tradition started in the christian ambit by Jerome, senior figures in the Church are biographed. Leaving of the premise that Ildefonso proposed in his text a paradigm of religious authority, we will study here the aspects of church leadership that the author highlights, by focusing on thirteen personalities.

Keywords: Ildefonso of Toledo; Ecclesiastical authority; *De Viris Illustribus*.

Introdução

Durante os séculos VI e VII, um volume considerável de obras foi produzido por eclesiásticos no reino visigodo. Tais materiais estiveram vinculados ao processo de reorganização e fortalecimento da Igreja local. Várias foram as frentes com as quais as autoridades religiosas estiveram envolvidas, dado que pode ser ilustrado, por exemplo, na diversidade de temas presentes nas atas conciliares toledanas (VIVES, 1963.

p. 107-537). Dentre outras preocupações, o episcopado precisou cuidar das questões concernentes ao trato com os poderes políticos, das temáticas internas aos quadros eclesiásticos e da expansão e fortalecimento da fé cristã. Do conjunto de documentos produzidos à época, interessa no presente artigo abordar a obra *De Viris Illustribus*¹, de Ildefonso de Toledo, escrita na segunda metade do século VII. Neste texto, mantendo a tradição iniciada no âmbito cristão por Jerônimo, figuras eminentes da Igreja são biografadas. Ainda que não se dediquem especificamente a analisar a questão, estudiosos como Jacques Fontaine (1971, p. 84), Codoñer Merino (1972, p. 22; 43) e Garcia Moreno (1999, p. 49), afirmam que Ildefonso propôs na DVI um perfil de autoridade religiosa. Tendo em consideração tal referência, importa aqui verificar os aspectos da liderança eclesiástica que o autor realça, ao enfatizar as treze personalidades compreendidas na obra.

Ildefonso de Toledo e o entorno político religioso

Ildefonso nasceu entre 605 e 607, em Toledo. Integrante de família abastada e influente na região foi encaminhado ainda muito jovem para a escola episcopal onde iniciou seus estudos (RIVERA RECIO, 1985, p. 64). Sua formação intelectual e religiosa se completou no mosteiro de Agali, dedicado a São Cosme e São Damião, próximo de Toledo. Ali permaneceu por muitos anos, tendo chegado a ocupar o cargo de abade.

Nomeado bispo de Toledo em 657, manteve-se na função até sua morte, em 667. Além dos seus próprios escritos², para conhecer nuances da sua trajetória, dispõe-se de um documento produzido por Juliano (PL 96, 43-44), seu sucessor em Toledo, e de uma hagiografia que, embora atribuída a Cixila, metropolitano de Toledo entre 774 e 783, parece ter sido escrita no século X (FEAR, 1977, p. XXXIII). O caráter laudatório de ambos e a redação tardia da última não passaram despercebidos pela historiografia. Esta, entretanto, reconhece a possibilidade de utilizar tais documentos, especialmente no que concerne àqueles pontos sobre os quais não existem outros testemunhos referentes a Ildefonso (DÍAZ Y DÍAZ, 2007, p. 234).

De acordo com a tradição, de Agali teriam saído alguns dos mais influentes bispos do reino visigodo. Codoñer Merino relaciona tal fato com a possibilidade de que ali estivessem reunidos representantes dos grupos nobiliárquicos vinculados ao sul da Península, o que explicaria a ascendência intermitente que exerceram sobre as altas esferas de poder (1972, p. 53-55).

Tal prestígio registra-se desde o reinado de Recaredo (586-601), com a participação de Eládio, proveniente daquela fundação monástica, na Aula Regia. Nos anos seguintes, sua ascensão ao bispado de Toledo (615-633), assim como de outras figuras provenientes de Agali, atenderia ao intento de monarcas, como Sisebuto (612-621) e, posteriormente, Suintila (621-631), de contemplar a aristocracia meridional nas novas relações de poder instituídas desde o período da conversão. A usurpação de Sisenando (631-636), representante de outro conjunto de famílias, teria, pois, provocado a reação de Eládio e, de certa forma, promovido o deslocamento das atenções de Toledo para Sevilha. Ou seja, diante da declarada insatisfação do mais influente eclesiástico de Toledo, a Sisenando teria cabido cortejar outra autoridade, colocando, assim, o foco em Isidoro de Sevilha. Embora Isidoro e toda a sua família também se vinculassem ao sul da Península, segundo Condoñer Merino, o sevilhano se interessava mais pela fusão definitiva das populações do reino do que Eládio e a tradição agaliense nele identificada (1972, p. 55). Em nome da unidade peninsular, não interessaria, portanto, a Isidoro fomentar críticas ao monarca.

Após a morte de Sisenando, Chintila (636-639) assumiu o poder e, tal qual seus sucessores imediatos, Chindasvinto (642-653) e seu filho Recesvinto (653-672), representava um grupo distinto do seu antecessor. A indicação para o bispado de Eugênio I, outro monge de Agali, muito provavelmente assinalava a confluência de interesses entre as famílias envolvidas na nova fase. Se durante o reinado de Chindasvinto a sé toledana foi ocupada por um bispo que não procedia de Agali, nem por isso tal mosteiro perdeu importância, já que Recesvinto voltou a prestigiar os religiosos originários dali, com a indicação do próprio Ildefonso.

A análise, com base na obra de Ildefonso, da complexa rede de influências dos bispos hispânicos, procedentes dos vários segmentos nobiliárquicos, já foi realizada. Alguns dos estudos de Rivera Recio (1948; 1971) e Garcia Moreno (1999; 2007), sobretudo, dedicaram-se a tal tarefa. Não se trata aqui, portanto, de reconstituir aquela rede de poder das famílias que se alternavam na direção do reino, mas reconhecer que a obra de Ildefonso não pode ser compreendida sem que alguns aspectos daquela conjuntura sejam considerados:

Primeiro, Ildefonso e os demais bispos do reino procediam de famílias cujos interesses nos rumos políticos do reino associavam-se à própria condição de sua existência e prestígio. Dessa forma, a despeito das

funções eclesiásticas que a alta hierarquia episcopal detinha, tal grupo integrava a elite sócioeconômica e com ela estava identificada.

Segundo, tendo em conta que muito frequentemente os grupos nobiliárquicos disputaram a hegemonia política, há que conceber a possibilidade de que, no âmbito eclesiástico, as diferenças dos que representavam tendências distintas também se fizessem presentes. Em outras palavras, embora se reconheça que compartilhavam valores e princípios, não há porque supor que dentro desta parcela eclesiástica não existissem conflitos.

É possível, pois, que a dinâmica das relações no interior do episcopado resguardasse as condições necessárias à manutenção, independente, de duas das suas facetas: por um lado, compreendia a disputa pela supremacia de determinadas ideias que poderiam estar associadas exclusivamente a aspectos de ordem clerical, mas que também poderiam se articular a questões de natureza socioeconômica. Por outro, tal dinâmica assegurava o *status* diferenciado dos clérigos frente aos laicos. Assim, ainda que entre os membros da alta hierarquia eclesiástica, em alguns momentos, as desavenças fossem significativas e as disputas mais acirradas, as iniciativas voltadas aos interesses do coletivo se sobressaiam. Em suma, a unidade episcopal era almejada, já que condição à distinção do grupo e, nesse sentido, há que assinalar que a existência de um processo crescente de organização e fortalecimento da Igreja visigoda se manteve ao longo de toda a história do reino.

Ao focar cada uma das vidas no DVI, Ildefonso provavelmente atendeu a um conjunto de estímulos. Dentre as possíveis motivações, destacam-se pelo menos três, que podem, eventualmente, ser observadas como complementares e estão em consonância com a declaração do próprio autor. Este anuncia, no prefácio do documento, que visava garantir a lembrança de “tão gloriosa sede e tão gloriosos homens”.³ Logo, o bispo de Toledo pode ter se pautado no desejo de prestigiar as posições de determinado grupo nobiliárquico. Pode ainda ter buscado valorizar Toledo, em detrimento de todas as demais sedes episcopais da Península, e, assim, os bispos que ali desenvolveram suas atividades, já que estes formavam majoritariamente o grupo dos biografados. E, por fim, pode ter procurado traçar um perfil idealizado de autoridade religiosa. De qualquer modo, comprometido com o fortalecimento da Igreja local, sua finalidade certamente esteve em sintonia com o propósito de enaltecer o episcopado e preservar sua unidade.

A despeito das intenções declaradas ou não do autor, tendo em vista o interesse pelo processo de organização e fortalecimento da Igreja, ao que se associa o objetivo deste texto, aqui importa verificar como se apresentam os elementos constitutivos do perfil de autoridade eclesiástica, esboçado no DVI de Ildefonso.

De *Viris Illustribus* e os atributos conferidos às lideranças religiosas

O gênero dedicado aos varões ilustres, ao qual se vincula o texto de Ildefonso ora analisado, remonta à Antiguidade e se identifica com a biografia de tipo alexandrino. Tal modalidade se caracteriza pela narrativa cronológica, com destaque para episódios da vida do biografado que, via de regra, tratava-se de figura cultural eminente, como um escritor ou um filósofo.

Ildefonso escreveu o DVI durante o período em que esteve à frente da sé toledana. Conforme ressalta no início do texto, baseia-se, em grande parte, no *De Viris Illustribus* de Jerônimo, a quem dedica palavras de reconhecimento, na introdução.⁴ O escrito ildefonsiano se associa a uma tradição literária que teria se iniciado com Jerônimo,⁵ prosseguido com Genádio de Marselha e marcado a Península com a obra de Isidoro. Em sua declarada intenção, Ildefonso estabelece uma relação direta com o hispalense que teria, segundo ele, dado continuidade ao trabalho de Genádio, porém omitido alguns nomes. Estaria, assim, preocupado em completar o trabalho de Isidoro, atualizando suas referências e inserindo os homens que estiveram à frente da sede de Toledo em um projeto que registrava para a posteridade as grandes personalidades e seus feitos.⁶

Embora tributário de Jerônimo e de Isidoro, Ildefonso não segue na íntegra suas orientações. Enquanto estes autores, na busca por figuras ilustres, ampliaram o espaço geográfico no qual pesquisaram, conferindo às suas escolhas um caráter universal, Ildefonso restringiu-se à Península, identificando-se, portanto, com uma perspectiva regional. Além disso, afastou-se também daqueles autores ao relativizar a importância atribuída à atuação no campo literário dos seus “homens ilustres”. Os escolhidos por Ildefonso possuem em comum o fato de apresentarem virtudes e ocuparem cargos de liderança dentro da Igreja e não o de se destacarem na produção de obras escritas (GALÁN SÁNCHEZ, 1992, p. 71-74; DIAZ Y DIAZ, 2007, p. 236-237; CODONER MERINO, 1972, p. 22). Assim, dos treze

personagens, doze são bispos e um, Donato, embora não tenha ocupado cargo episcopal, foi responsável pela fundação de um mosteiro.

O público da obra, dados o seu viés local e a sua temática, de acordo com Codoñer Merino (1972, p. 36), era do entorno do autor, ou seja, os clérigos da região. A circulação do material nos séculos seguintes parece ter sido restrita e se fez invariavelmente como apêndice da obra de Isidoro. Em relação à tradição manuscrita, existem dois grupos de manuscritos, um proveniente dos séculos, IX e XI, *LSTDV*, e outro composto por *NEMCG*, dos quais o mais antigo remonta ao século XIII (CODOÑER MERINO, 1972, p. 95-103).

A obra se divide em duas partes: uma introdução e um conjunto de treze capítulos, nos quais são apresentados Astúrio, Montano, Donato, Aurásio, Juan, Eládio, Justo, Isidoro, Nonnito, Conâncio, Bráulio, Eugênio e Eugênio II. A escolha de sete personagens que ocuparam a sé toledana (Astúrio, Montano, Aurásio, Eládio, Justo, Eugênio e Eugênio II) justificou em grande parte a certeza dos que defendem que a obra de Ildefonso visava, única ou principalmente, à elevação e prestígio de Toledo (CODOÑER MERINO, 1972, p. 80; RIVERA RECIO, 1948, p. 259; DIAZ Y DIAZ, 2007, p. 237). Com exceção dos dois primeiros da série, Astúrio e Montano, o episcopado dos demais cobre todo o período que vai de 603 até 657,⁷ ano em que o autor é elevado ao bispado. Ou seja, não houve sequer um só bispo dentro do referido intervalo que não tenha recebido a atenção de Ildefonso em sua obra.

No que tange aos bispos não toledanos não parece haver uma justificativa definitiva para a escolha feita. Ainda que uma ou outra hipótese possa ser aventada, não se percebe a existência de um elemento comum aos quatro bispos que pudesse melhor esclarecer as opções de Ildefonso. Assim, pode-se supor que Juan e Bráulio, bispos de Saragosa, assim como Nonnito, de Gerona, e Conâncio, de Palência, além das características que lhes foram atribuídas pelo autor, constam na listagem por procederem de sedes episcopais influentes naquela conjuntura. Para além da relevância de Sevilha, Isidoro, como a mais eminente figura eclesiástica do reino, mesmo que não tenha recebido, como sublinha Madoz (1952, p. 477), a devida atenção, não poderia estar ausente.

A estrutura adotada para a apresentação de cada um dos treze capítulos é, via de regra, mantida em todos eles e privilegia as seguintes informações concernentes ao biografado: nome; cargo ocupado, com indicação do local e em alguns casos o nome do antecessor; qualidades; atos

que o teriam distinguido; tempo de governo e, por fim, dados sobre a sua morte.

Ao se referir às personalidades compreendidas na obra, Ildefonso realça uma série de episódios e sublinha um variado conjunto de qualidades. Ainda que o autor atenda a uma determinada orientação, devido à multiplicidade de motivações que parece ter fundamentado a sua argumentação, nem sempre é óbvia a lógica adotada. De qualquer modo, conforme já anunciado, interessa, na análise do DVI, os aspectos concernentes ao perfil de autoridade eclesiástica que o autor apresenta.

Nesse sentido, destacam-se a seguir os dados referentes à qualificação de tais homens. Visando à sistematização dos elementos enfocados, foram identificados cinco conjuntos com os quais os biografados se relacionam: miraculoso; modelar; literário; organizador e monástico. Considerando que vários aspectos da atuação destes homens são retratados, alguns deles podem ser classificados em mais de um conjunto. Assim, na abordagem realizada, procurou-se enfatizar o que melhor caracterizaria a vinculação da personalidade enfocada ao(s) conjunto(s) em questão.

No conjunto “miraculoso” estão compreendidos todos os biografados cujos feitos, em algum momento de suas vidas, se associam à intervenção divina (LE GOFF, 1985, p. 25). Neste grupo, estão seis dos treze *viris illustribus*: Montano, Eládio, Eugênio I, Asturio, Donato e Nonito.

Ainda no prefácio, o autor se refere a Montano como virtuoso prelado que, para afastar a calúnia de que teria mantido relações impuras, manteve em seu traje brasas acesas durante a celebração de uma missa. Segundo o relato, o fogo teria se misturado com a roupa de Montano de tal modo que um não teria neutralizado a beleza do outro. Assim, embora o fogo não tenha sido apagado, não danificou a roupa.⁸

O milagre vinculado a Eládio, diferentemente do que fora narrado sobre Montano, poderia ser classificado como um castigo divino. Ildefonso atribui a Justo⁹ uma conduta reprovável, já que teria insultado seu antecessor, Eládio. Na seqüência da exposição, destaca que Justo, após assumir o cargo, em decorrência de sua intemperança, ficara transtornado e fora estrangulado pelos seus próprios auxiliares enquanto dormia.¹⁰

Eugenio I, como Eládio, fora beneficiado com o castigo recebido por seu algoz, Lucidio. Este, por lhe tomar violentamente o cargo e bens, teria sido penalizado com tamanho mal estar que, segundo o autor, recusava-se a viver, sendo sua vida equivalente à morte.¹¹

Donato e Nonito, apontados como exemplos de vida, teriam operado milagres em seus sepulcros.¹² Já Asturio teria recebido, como compensação por seu desempenho à frente da Igreja toledana, a revelação do local em que se encontravam os corpos de dois mártires no município complutense.¹³ Ali teria resolvido ficar, tornando-se também bispo de Compludo.

Isabel Velázquez propõe, ao abordar o tema da hagiografia na Península Hispânica, uma tipologia, segundo a qual existiriam três modalidades de milagres: os realizados pelos santos em favor de alguém; os executados diretamente pela divindade visando a proteger o santo e os identificados como castigos divinos (VELÁZQUEZ SORIANO, 2005, p. 155-156).

Como representante da hierarquia eclesiástica, Ildefonso, ainda que nem sempre explicitamente, concebe os fenômenos nos quais os seis *viris illustribus* se envolvem, como de natureza miraculosa, já que resultado da vontade divina. Tendo em consideração a proposta de Isabel Velázquez, observa-se que apenas nos casos de Donato e Nonito os benefícios a terceiros são mencionados: os sepulcros de ambos seriam locais de veneração e realização de milagres. No que tange aos milagres visando à proteção do santo, enquadra-se a experiência de Montano que, mesmo manuseando o fogo não teria se queimado. Os castigos divinos se manifestam em benefício de Eládio e Eugênio I, numa espécie de compensação moral pelas perdas que teriam sofrido. Curiosamente, a única referência literal à intervenção divina diz respeito ao encontro, por Astúrio, dos túmulos de mártires.

No conjunto “modelar”, estão reunidos os biografados cujas características são, explicitamente, citadas pelo seu caráter exemplar. Assim, ainda que, de acordo com a concepção de Ildefonso, os *viris illustribus* tenham sido definidos, antes de tudo, pelas suas virtudes, alguns dos biografados recebem menções específicas em relação ao seu comportamento exemplar. Neste conjunto estão três dos treze *viris illustribus*: Donato, Nonito e Asturio. Ao tratar de Donato, Ildefonso ressalta especialmente sua identificação com a atividade monástica, o que o torna figura relevante no conjunto voltado ao monacato, como ressaltado adiante. Cabe aqui, pois, registrar a preocupação do autor em mencionar que fora um exemplo de vida pelas suas virtudes invariavelmente associadas àquela atividade.¹⁴

Nonito, bispo de Gerona, teria governado sua sede mais com o exemplo do que com regras explícitas.¹⁵ A brevidade da referência não permite atestar se tais regras efetivamente inexistiam ou se a despeito de sua

existência teriam sido ignoradas. Resta, pois, apenas a certeza de que, da atuação de Nonito, Ildefonso deseja realçar especialmente o sucesso na direção da Igreja.

Ao último dos aqui listados, Ildefonso dedica o primeiro capítulo do DVI. Bispo de Toledo, Asturio teria, não apenas sido digno de um milagre, como visto anteriormente, mas também fora uma personalidade reconhecida por suas ações virtuosas e vida exemplar.¹⁶ Ainda que do ponto de vista literário a composição do DVI se inspirasse especialmente no escrito de Jerônimo, o autor não hesita em explicitar que os elementos que valoriza não são sempre os mesmos do seu predecessor. Nesse sentido, a inclusão de Asturio se justificaria a despeito do fato de não ter se sobressaído como escritor: “Homem destacado que imprime marca às suas ações virtuosas mais com sua vida exemplar do que com a pluma de escritor.”¹⁷ Na seqüência, o autor sublinha o quão abençoado fora seu governo.¹⁸

Se ao escritor do século IV as qualidades literárias impunham-se como condição à eleição de *viris illustribus*, Ildefonso, indubitavelmente, move-se em consonância com outras preocupações. O varão ilustre do bispo toledano não seria mais o escritor cristão capaz de competir com os escritores pagãos (FONTAINE, 1971, p. 72). Para ele se trata, portanto, de ressaltar, sobretudo, as qualidades dos que de algum modo tivessem objetivamente contribuído para o engrandecimento da instituição eclesiástica no plano regional.

As habilidades dos escritores, contudo, não foram totalmente desprezadas, já que estiveram presentes no terceiro conjunto de elementos, aqui nomeado como “literário”. Nele estão reunidos aqueles cujas características intelectuais, expressas na elaboração de obras escritas, são salientadas: Isidoro e Bráulio.

Isidoro, bispo de Sevilha é recordado por seu talento em discursar e por seus textos. Ainda que Ildelfonso não tenha listado todas as obras de Isidoro, não há dúvida sobre a sua distinção no que concerne ao quesito produção literária.¹⁹ Digno de nota é, contudo, o fato de tal distinção apenas referir-se ao aspecto quantitativo. Suas qualidades intelectuais, embora mencionadas, não suscitam comentários detalhados. Observa-se também que ao sevilhano não são atribuídas, ao longo dos três parágrafos que lhe são reservados, outras virtudes além das restritas ao conjunto em questão.

Bráulio, bispo de Saragosa, igualmente é recordado pelos seus escritos, segundo o autor, “pequenas obras de caráter melódico” e a “Vida de Millán”.²⁰ A brevidade dos comentários feitos por Ildefonso a Bráulio

contrasta com a atenção conferida à maioria dos demais biografados. Sublinha-se também que, assim como no caso de Isidoro, não existem menções a Bráulio que o habilitem a integrar outros conjuntos.

A pouca atenção conferida aos dois autores e em particular aos seus escritos, como salienta Fontaine, provavelmente decorre da concepção utilitarista que caracterizaria Ildefonso. Assim, por exemplo, as cartas de Montano, a seguir comentadas, interessam muito mais do que as obras de Isidoro, cujas reflexões não indicavam ganhos organizativos imediatos à Igreja (FONTAINE, 1971, p. 86).

Com o conjunto “organizador” estão identificados todos os biografados cujas ações voltavam-se diretamente à organização da Igreja. Aqui se distinguem, portanto, as preocupações com o trato das questões litúrgicas, dogmáticas e disciplinares. Neste bloco estão reunidos sete ilustres: Montano, Aurásio, Juan, Justo, Conâncio, Eugênio I e Eugênio II.

Montano, bispo de Toledo, é lembrado por fazer uso de sua autoridade, ao ter escrito duas cartas aos habitantes de Palência, nas quais proibia o crisma conferido por presbíteros e a consagração de igrejas por prelados fora de suas jurisdições. Sua ação é ainda marcada por ter desautorizado e excomungado os simpatizantes dos priscilianistas.²¹ Segundo Ildefonso, o zelo de Montano se estendia também aos que desrespeitavam os escritos sobre o tema deixados pelo bispo Toribio,²² de Astorga.²³

Aurásio, igualmente bispo de Toledo, é ressaltado especialmente por sua autoridade, disposição para resolver os “assuntos internos” (*domesticis rebus*) da Igreja e postura enérgica diante dos adversários.²⁴

Juan, além de citado por seu vínculo com o monacato, distingue-se por conhecer as Escrituras e valorizar o ensinamento por meio da palavra. A ele, Ildefonso refere-se ainda por ter contribuído ao ofício divino com a composição de músicas e, sobretudo, por conceber um método eficaz e de fácil apreensão para o cálculo da Páscoa.²⁵

Justo é referenciado por se ocupar de tema associado à autoridade episcopal em relação ao monacato. A jurisdição episcopal sobre a atividade monástica, a despeito dos conflitos, claramente verificada no segundo concílio pós conversão,²⁶ teria sido exercida com dura ênfase pelo bispo em questão. Procedente de Agali, o bispo de Toledo manteve-se zeloso da tradição e fama alcançadas por esta fundação. Assim, fora, de acordo com o autor, responsável pela redação de uma carta ao abade do mosteiro,²⁷ na qual, em tom enérgico, adverte-o que não se deve abandonar os que estão sob a sua tutela.²⁸

Conâncio, prelado de Palência, é reconhecido como eloqüente e reflexivo. Também recordado pela sua erudição, a ele está atribuída a atenção aos serviços eclesiais, com ênfase na sua atividade de compositor e comentador dos Salmos, em um pequeno livro.²⁹

Eugênio, além de profundo conhecedor do ciclo lunar, seria capaz de encantar a todos que o ouvissem tratar do tema.³⁰ Seu conhecimento, útil à definição do calendário litúrgico, segundo Ildefonso, era particularmente proveitoso, já que graças à sua capacidade pedagógica, induzia a todos que o ouvissem a se interessar pela questão.

Já Eugênio II, reconhecidamente culto, teria se preocupado com fórmulas do ofício e correção de cânticos distorcidos pelo uso. Dele, Ildefonso lembra ainda que redigiu um tratado de estilo claro e transparente sobre a Santíssima Trindade e dois textos, um de poemas e outro reunindo distintas obras. Envolvido com a atividade intelectual teria, por fim, revisado e completado os livros escritos por Dracônio sobre a criação do mundo.³¹

O conjunto “monástico” compreende todos os biografados que atuaram em instituições cenobíticas, com ênfase, evidentemente, nos aspectos próprios da vida comunitária. Neste bloco estão sete dos treze biografados: Donato, Juan, Eládio, Justo, Nonito, Eugenio e Eugênio II.

De Donato, único ilustre que não ascende ao episcopado, o autor recorda que, procedente da África com mais setenta monges, teria sido responsável pela fundação do mosteiro servitano e o primeiro a aplicar uma regra ao convívio cenobítico.³² De Juan, apenas se menciona a passagem pelo mosteiro como abade.³³ De Eládio, que antes de sua elevação ao bispado de Toledo fora abade do mosteiro de Agali, o autor frisa, entre outros aspectos, sua capacidade de ampliação das riquezas da comunidade.³⁴

Justo, sucessor de Eládio em Toledo, também foi abade em Agali, onde estivera desde criança.³⁵ De suas características e realizações no convívio comunitário, realça-se basicamente que desfrutava das virtudes implícitas da vida monástica.³⁶ Nonito, sucessor de Juan em Gerona, é retratado especialmente por sua sensibilidade e comportamento santo.³⁷ Eugênio I, discípulo de Eládio e também bispo de Toledo, é lembrado por sua formação realizada no cenóbio, e por ter resistido à ida para Toledo. Ao que tudo indica, preferia manter-se na vida comunitária, ao invés de se dedicar às questões da Igreja secular.³⁸ A breve menção à atividade monástica de Eugênio II tem como função sublinhar a sua simplicidade, em contraste com seu importante papel em Toledo.³⁹

Com base nas classificações anteriormente realizadas, segue tabela objetivando uma melhor visualização dos conjuntos e seus integrantes:

Conjuntos \ Biografados	miraculoso	modelar	literário	organizador	monástico
Astúrio	X	X			
Montano	X			X	
Donato	X	X			X
Aurásio				X	
Juan				X	X
Eládio	X				X
Justo				X	X
Isidoro			X		
Nonnito	X	X			X
Conâncio				X	
Bráulio			X		
Eugênio	X			X	X
Eugênio II				X	X

Como se pode concluir da observação da tabela, de acordo com a classificação adotada, à exceção de Isidoro, Bráulio, Conâncio e Aurásio, cada biografado insere-se em pelo menos dois conjuntos. Os conjuntos “organizador” e “monástico” concentram o maior número de incidências, sete, seguidos pelo “miraculoso”, com seis. Dos conjuntos “modelar” e “literário” participam, respectivamente, apenas três e dois eclesiásticos.

Considerações finais

No perfil de autoridade eclesiástica desenhado por Ildefonso as preocupações com questões internas da Igreja certamente ocupam papel fundamental. Ainda que Ildefonso não tenha conferido à atividade literária a mesma ênfase que seus antecessores Jerônimo e Isidoro, reconhece e valoriza as vantagens de uma atuação pautada na atividade intelectual, desde que voltada à organização e fortalecimento da Igreja. Nesse sentido, comenta e qualifica mais atentamente aquela produção escrita e atuação diretamente associadas às contribuições pragmáticas de ordem litúrgica, dogmática e disciplinar.

O enfoque na vida monástica como sinônimo de perfeição evidencia a simpatia que o autor reserva à experiência cenobítica e certamente se vincula à sua própria origem. As muitas referências indicam que a vivência em comunidades religiosas, seja como abade ou como monge, deveria

constar no conjunto de atributos apresentados pela autoridade eclesiástica. Se a vida monástica representava certa superioridade na economia das virtudes, tais virtudes poderiam ser melhor aproveitadas para a Igreja se desfrutadas pela autoridade episcopal. Assim, o aprendizado adquirido nos mosteiros constituía-se como etapa relevante à qualificação da futura autoridade eclesiástica.

A propósito do conjunto “miraculoso”, deve-se registrar que Ildefonso, embora tenha fornecido uma aura sagrada a seis dos *viris illustribus* e assim introduzir em sua obra traços da literatura hagiográfica (GALÁN SÁNCHEZ, 1992, p. 74-78), não visava à redação de vidas de santos. Sua narrativa parece, pois, mais preocupada com a identificação de situações que servissem ao registro das virtudes de determinados homens. Estes, apesar de não terem sido reconhecidos como santos, dada a sua conduta adequada em defesa dos interesses da instituição eclesiástica, contavam com a eventual interferência divina.

Embora a condição de vida virtuosa se impusesse como critério para a escolha dos biografados, observou-se a preocupação aparentemente redundante do autor em, de modo explícito, referir-se à conduta exemplar de três homens: Donato, como fundador e abade de um mosteiro no qual se aplicou pela primeira vez uma regra, Nonito e Asturio como bispos bem sucedidos à frente de suas sedes. Assim, ainda que dos conjuntos analisados o “modelar” tenha recebido um pequeno número de integrantes, parece dele proceder um dos mais importantes atributos da autoridade eclesiástica: a capacidade de governar com eficiência.

Ildefonso e as autoridades eclesiásticas a que se refere, em linhas gerais, compartilhavam os mesmos valores e interesses; como agentes da instituição clerical incorporaram um dado modo de sentir, pensar e agir. O autor do DVI reproduz virtudes caras a todo o episcopado, a despeito das várias motivações que possam tê-lo conduzido na produção da obra. Mesmo que a ênfase em um ou outro aspecto possa evidenciar sua marca pessoal, revelando suas preferências monásticas e suas preocupações específicas no que concerne à organização da Igreja, alinha-se com o episcopado.

Assim, ainda que perspectivas distintas ou eventuais divergências tenham existido entre os bispos que se sucederam em Toledo, Ildefonso resguardou o grupo como um todo. Ao dedicar atenção a cada um deles, em uma série ininterrupta que se iniciou em 603 e só se encerrou com o seu antecessor, em 657, conferiu unidade ao grupo.

No que tange aos bispos não toledanos incluídos no DVI, ainda que não se possa, peremptoriamente, perceber um aspecto comum aos biografados, ou seja, o porquê da indicação destas e não de outras personalidades, observa-se sua procedência de importantes sedes episcopais. Ao que tudo indica, Ildefonso busca, pois, enaltecer o episcopado com tais escolhas. Nesse sentido, registra-se que o provável mal estar causado pela aproximação entre o monarca Sisenando e Isidoro não foi negativamente valorizado por Ildefonso. A despeito da referida aproximação, o autor não deixou de prestar a devida homenagem ao eminente sevilhano, ao incluí-lo entre os seus *viris illustribus*. A almejada unidade episcopal sobrepôs-se, portanto, às possíveis diferenças existentes entre os dois bispos.

Os feitos e as virtudes atribuídos aos eclesiásticos destacados preservaram, no plano literário, a distinção episcopal, o que, indubitavelmente, insere a obra DVI e a iniciativa de Ildefonso em escrevê-la no processo de organização e fortalecimento da Igreja no reino visigodo.

Ao concluir, depreende-se, a partir da análise do DVI, que a autoridade eclesiástica idealizada por Ildefonso é exemplo de vida virtuosa; identifica-se com a experiência monástica; está comprometida com as questões internas da Igreja e dedica sua capacidade intelectual a resolvê-las; conta em situações extremas com a intervenção divina, e governa com firmeza e sucesso.

Referências

Documentação primária impressa

- Baeti Ildefonsi Enlogium.* PL 96, 43-44.
http://www.documentacatholicaomnia.eu/02m/0601-0667_Hildefonsus_Toletanus_Episcopus_Vita_Operaque_%5BEx_Cixilian_o%5D_MLT.pdf Acesso em agosto de 2010.
- CODOÑER MERINO, C. (Ed.). *El De viris illustribus de Ildelfonso de Toledo*. Salamanca: Universidad de Salamanca, 1972.
- FEAR, A. T. (Ed.) *Lives of the Visigothic Fathers*. Liverpool: University Press Liverpool, 1977.
- VIVES, J. (Ed.). *Concilios visigóticos e hispano-romanos*. Madrid: CSIC. Instituto Enrique Florez, 1963.

Obras de apoio

DÍAZ Y DÍAZ, M. C. Ildefonso de Toledo, el hombre y el escritor. In: *Hispania Gothorum. San Ildefonso y el reino visigodo de Toledo*. Toledo: Quixote. Castilla-la-Mancha, 2007. p. 233-238.

FONTAINE, J. El "De Viris illustribus" de San Ildefonso de Toledo: Tradición y originalidad. *Anales Toledanos*, n. 3, p. 59-96, 1971.

GALÁN SÁNCHEZ, P. J. "De Viris Illustribus" de Ildelfonso de Toledo o la modificación del género. *Anuario de estudios filológicos*, v. 15, p. 69-80, 1992.

_____. El género, "De Viris Illustribus": De Suetonio s S. Jerónimo. *Anuario de estudios filológicos*, v. 14, p. 131-142, 1991.

GARCIA MORENO, L. A. Ildefonso y sus relaciones con el poder político. In: *Hispania Gothorum. San Ildefonso y el reino visigodo de Toledo*. Toledo: Quixote. Castilla-la-Mancha, 2007. p. 239-252.

_____. Disenso religioso y hegemonía política. *Cuadernos Ilu*, n. 2, p.47-63, 1999.

LE GOFF, J. O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval. In: _____. *O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval*. Lisboa: Edições 70, 1985. p. 19-37.

MADOZ, J. San Ildefonso de Toledo. *Estudios Eclesiasticos*, n. 100, v. 26, p. 467-505, 1952.

RIVERA RECIO, J. F. Cisma episcopal en la Iglesia Toledanovisigoda? *Hispania Sacra*, n. 1, v. 2, p. 259-268, 1948.

_____. Los arzobispos de Toledo en siglo VII. *Anales Toledanos*, n. 3, p. 181-218, 1971.

_____. *San Ildefonso de Toledo. Biografía, época y posteridad*. Madrid-Toledo: Católica, 1985.

VELÁZQUEZ SORIANO, I. *Hagiografía y culto a los santos en la Hispania visigoda: aproximación a sus manifestaciones literarias*. Mérida: Muso Nacional Romano, Asociación de Amigos del Museo. Fundación de Estudios Romanos, 2005.

* Artigo submetido à avaliação em 13 de novembro de 2010 e aprovado para publicação em 14 de dezembro de 2010.

¹ Doravante esta obra será referida por suas iniciais: DVI.

² Embora registra-se que Ildefonso escreveu onze obras, chegaram aos nossos dias apenas quatro delas: *De Perpetua Virginitate Sanctae Mariae contra três infideles*; *De cognitione baptismi*; *De itinere deserti spiritualis* e *De Viris Illustribus*. Cf.: RIVERA RECIO, 1985, p. 154-155.

³ (...) *si tam gloriosae sedis tamque floriosorum uirorum* (...). DVI, *Praefatio*, p. 112.

⁴ (...) *uir beatus atque doctissimus Hieronymus presbyter plene dicitur adnotasse*. DVI, *Praefatio*, p. 110.

⁵ Jerônimo, que inaugura em ambiente cristão a narrativa biográfica, vincula-se diretamente à tradição estabelecida por Suetônio, que, por sua vez, teria seguido os escritores romanos Varrão e Cornélio Nepos. Sobre a influência de Suetônio na perspectiva jeronimiana acerca dos *viris illustribus*, cf.: GALÁN SÁNCHEZ, 1991, p. 131-142.

⁶ *Hispalensis sedis Isidorus episcopus, eodem ductu, quosque uiros optimos reperit in adnotationem subiunxit. Siquidem non omnia perscrutatus abscessit. (...) conatus sum, etsi non elegans studium uel obsequelam uoluntatis bonae, illorum admiscere memoriae gloriosae, ne incurrerem ex silentio damnum, si tam gloriosae sedis tamque gloriosorum uirorum clarescentem memoriae lucem tenebrosi nube silentii contexissem.* DVI, Praefatio, p. 110; 112.

⁷ Segue a cronologia dos bispos de Toledo compreendidos na obra de Ildefonso: Astúrio (395-412); Montano (522-531); Aurasio (603-615); Eládio (615-633); Justo (633-636); Eugênio I (636-646), e Eugênio II (646-657). Cf.: RIVERA RECIO, 1948, p. 259.

⁸ *Nam Montanus sedis eius beatissimus praesul ut a se coniugalis conuersationis infamiam propulsaret, tamdiu adsumptos ueste candentes narratur tenuisse carbones, donec Domino consecrans oblationem totius per semetipsum compleret missae clebritatem; quo sacrificio expleto, prunarum ignis cum decore uestis adeo in concordiam uenit, ut nec uestis uim extingueret ignis, nec uis ignis satum laederet uestis.* DVI, Praefatio, p. 112.

⁹ Aqui há que destacar que o Justo insubordinado não é o mesmo Justo ao qual Ildefonso dedicou um capítulo da obra. Sobre a confusão promovida pelo nome comum aos dois, cf.: RIVERA RECIO, 1948, p. 261-263.

¹⁰ *Iustus diaconus fastu superbiae insultaret, post mortem quidem sui pontificis uixit episcopus et ipse; sed tabefactus et in reprobum uersus sensum, ob intemperantiam morum a ministris altaris sui dormiens strangulatus laqueo exspirauit.* DVI, Praefatio, p. 112.

¹¹ (...) *tam in reprobum sensum, tamque in languoris supereminentem peruenit statum ut cum uiuere recusaret, tam mori esset quod uiueret, quam uiuere quod mori uellet.* DVI, Praefatio, p. 114.

¹² *Hic et in praesenti luce subsistens et in cripta sepulchri quiescens, signis quibusdam proditur effulgeres salutis, unde et monumentum eius honorabiliter colere perhibentur incolae regionis.* DVI, III, p. 122; *Rexit ecclesiam Dei meritorum exemplis amplius quam uerborum edictis. Hic et in corpore degens et in sepulchro quiescens fertur saluationis operari uirtutes.* DVI, IX, p. 130.

¹³ Os mártires encontrados são Justo e Pastor, também conhecidos por “Santos Niños”.

¹⁴ *Tam uiuens uirtutum exemplis nobilis...* DVI, III, p. 120.

¹⁵ *Rexit ecclesiam Dei meritorum exemplis amplius quam uerborum edictis.* DVI, IX, p. 130.

¹⁶ *Vir egregius adsignans opera uirtutum plus exemplo uiuendi quam calamo scribentis. Hic sacerdotio beatus et miraculo dignus (...).* DVI, I, p. 116.

¹⁷ *Vir egregius adsignans opera uirtutum plus exemplo uiuendi quam calamo scribentis.* DVI, IX, p. 116.

¹⁸ *Hic et sacerdotio beatus(...).* DVI, I, p. 116.

¹⁹ *Scrpsit opera et eximia et non parua, id est: librum de genere officiorum, librum prooemiorum, librum et ortu et orbi prophetados, librum lamentationis, quem ipse Synonima uocauit, libellos duos a Florentinam sororem contra nequitam Iudaeorum, librum de natura rerum ad Sisebutum principem, librum differentiarum, librum sententiarum. Collegit etiam de diuersis auctoribus, quod ipse cognominat secretorum expositionem sacramentorum, quibus in unum congestis, idem liber dicitur Quaestionum. Scrpsit quoque in ultimo, ad petitionem Braulionis, Caesaraugustani episcopi, librum Etymologiarum (...).* DVI, VIII, p.128.

²⁰ (...) *Clarus et iste habitus canoribus et quibusdam opusculis. Scrpsit uitam Aemiliani cuiusdam monachi (...).* DVI, XI, p.130.

²¹ O Priscilianismo foi condenado como herético em 400. Cf. VIVES, 1963, I Concílio de Toledo, p. 25-33.

²² *Scriptis epistolas duas ecclesiasticae utilitatis disciplina consertas, e quibus unam Palentiae habitatoribus. In qua presbyteres chrisma conficere episcoposque alieanae diocesis alteiru territorri ecclesias consecrare magna perhibetur prohibere auctoritate, sacrarum litterarum testimoniis adfirmans, id ipsum fieri penitus non licere. Amatores quoque Priscillianae sectae licet non operarentur eadem, quia tamen memoriam eius amore retinerent, abdicat et exprobrat commemorans quod in libris beatissimi Turibii episcopi ad Leonem papam missis eadem Priscillianorum haeresis detecta, conuicta atque decenter maneat abdicada.* DVI, II, p. 118.

²³ Toribio foi nomeado bispo de Astorga em 444 por Leão I. Pouco depois escreve ao papa preocupado com o priscilianismo na região da Galiza. Cf.: VILELLA MASANA, 1994, p. 465-471.

²⁴ *Vir bonus, regiminis auctoritate praeclarus, domesticis rebus bene dispositus, aduersitatibus infixis constater erectus; qui quanto extitit temperatio mansuetis, tanto fortior semper fuit inuentus aduersis.* DVI, IV, p. 122.

²⁵ *Vir in sacris litteris eruditus, plus uerbis intendens docere quam scriptis (...). In ecclesiasticis officis quaedam eleganter et sono et oratione composuit; adnotauit inter haec inquirendae paschalis sollempnitatis tam subtile atque utile argumentum, ut lectori et breuitas contracta et ueritas placeat patefacta.* DVI, V, p.122; 124.

²⁶ A jurisdição episcopal sobre a vida monástica está estabelecida nos concílios visigóticos, pós conversão, desde o IV Concílio de Toledo. Cf.: VIVES, 1963, IV Concílio de Toledo, c. XLIX-LIII, p. 208-209.

²⁷ Segundo A. T. Fear, tal carta estaria perdida. Cf.: FEAR, 1977, p. 115, nota 33.

²⁸ *Scriptis ad Richilanem, Agaliensis monasterii patrem, epistolam debita et sufficienti prosecutione constructam, in qua potenter adstruit susceptum gregem relinquere penitus non debere.* DVI, VII, p. 126.

²⁹ *Vir tam pondere mentis quam habitudine speciei grauis, communi eloquio facundus et gratus, ecclesiasticorum officiorum ordinibus intentus et prouidus: nam melodias soni multas nobiliter edidit. Orationum quoque libellum de omnium decenter conscripsit proprietate psalmodum.* DVI, X, p.130.

³⁰ *Nam numeros, statum, incrementa detrimentaque, cursus recursusque lunarum tanta peritia nouit, ut considerationes disputationis eius auditorem et in stuporem uerterent et in desiderabilem doctrinam inducerent.* DVI, XII, p. 132.

³¹ *Cantus passiuus usibus uitiatos, melodiae cognitione correxit, officiorum omissos ordines curamque discreuit. Scripsit de Sancta Trinitate libellum et eloquio nitidum et rei ueritate perspicuum (...). Libellos quoque Dracontii de creatione mundi conscriptos, quos antiquitas protulerat uitatos, ea quae inconuenientia reperit, subtrahendo, immutando uel meliora coniciendo, ita in pulchritudinis formam coegit, uti pulchriores de artificio corrigentis quam de manu procesisse uideantur auctoris.* DVI, XIII, p. 135.

³² (...) *Seruitanum monasterium uisus est construxisse . Iste prior in Hispaniam monasticae obseruantiae usum regulamque dicitur aduexisse.* DVI, III, p. 120.

³³ *Primo pater monachorum (...).* DVI, V, p. 122.

³⁴ *Ibi factus monachis pater, meritis studiisque sanctis et uitam monachorum debite rexit, et statum monasterii totius communis rei diuitias cumulauit.* DVI, VI, p. 124.

³⁵ *Vir ingenio acer et eloquio sufficiens, magna spe profuturus nisi hunc ante longaeuam uitam dies abstulisset extrema.* DVI, VII, p. 126.

³⁶ (...) *ad uirtutem monasticae institutionis (...).* DVI, VII, p. 126.

³⁷ *Vir professione monachus, simplicitate perspicuus, actibus sanctus.* DVI, IX, p. 128.

³⁸ (...) *ab infantia monachus ab Heladio (...). Hunc secum Heladiis a monasterio tulit ad pontificatum tractus.* DVI, XII, p. 132.

³⁹ *Item Eugenius alter post Eugenium pontifex subrogatur. Hic cum ecclesiae regiae clericus esset egregius, uitam nocabi delectatus est.* DVI, XIII, p. 132.